

Segundo economista, elevar superávit para compensar juro alto é “sandice”

Do Rio

A idéia do governo de elevar o superávit primário para contrabalançar o impacto da alta do juro básico sobre a relação dívida/PIB é vista por Rogério Sobreira, economista e professor de economia e finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV), como uma “sandice”, pois poderá parar a economia.

Para ele, confiar que tal medida possa eliminar a possibilidade de o Banco Central elevar o juro por conta do que entende como pressão de demanda sobre a inflação é uma ilusão, pois nada garante que a demanda fique paralisada no tempo.

Por outro lado, ele não acredita que o aumento do superávit primário seja garantia de melhoria na relação dívida/PIB, já que a medida é contracionista do investimento público e acaba reduzindo o ritmo da atividade da economia.

A idéia do superávit primário contracíclico, que começa a ser debatida, vai na linha de contrariar a trajetória atual do ciclo econômico, que é de crescimento, diz o economista. “Com juro alto e superávit fiscal elevado a equipe econômica do governo Lula está construindo o pior dos mundos para a economia brasileira.”

Especialista em dívida pública,

Sobreira acha péssimo o Brasil ter nessa conjuntura favorável — de risco Brasil em queda e promoção da classificação de risco das agências — um aumento do estoque da dívida, que vai elevar a relação dívida/PIB, o indicador mais visado por estas empresas na hora de avaliar o país.

A alta de 0,25 ponto percentual da Selic aumenta em R\$ 1 bilhão a parte da dívida (52,93% em agosto) atrelada ao juro básico. O impacto é pequeno, mas alimenta a preferência dos investidores por títulos pós-fixados atrelados à Selic, adverte Marcelo de Ávila, economista-chefe da consultoria GlobalStation (VSD)